

Cientistas contestados, mas, enfim, lembrados

O sertanista brasileiro Sydney Possuelo, 64 anos, recebeu, no dia 7/5/2004, uma medalha da centenária Royal Geographic Society, de Londres, por indicação da Rainha da Inglaterra pelo seu trabalho com índios brasileiros no Xingú, seguindo a tradição dos irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas. Poucas pessoas tinham ouvido falar dele. O escritor americano John Hudson Tiner, publicou um livro "100 cientistas que mudaram a história do mundo", sucesso nos Estados Unidos, e que, agora, foi traduzido, no Brasil.

O autor dedica espaço a sete cientistas brasileiros: Adolpho Lutz, Vital Brazil, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Manuel de Abreu (inventor da abreugrafia), Mário Schenberg (considerado por Einstein um dos dez maiores cientistas do mundo), César Lattes e Roberto Landell de Moura (já ouviu falar?) que teria realizado as primeiras transmissões radiofônicas do mundo, um ano antes do italiano Marconi, mas, que por atraso no registro da patente, perdeu a glória da descoberta para o italiano.

Um aspecto curioso do livro é perceber como muitos dos cientistas, que mais tarde seriam celebrizados, nasceram pobres, não foram bons alunos e morreram abandonados e desprezados e como foi o caso do próprio Landell de Moura. Os seus contemporâneos o consideravam louco. Morreu no anonimato, de tuberculose. Tiner, que já escreveu dezenas de livros sobre o tema, analisa, em cada biografia, o desprezo e a ridicularização que muitos dos cientistas sofreram, inclusive, dos próprios colegas, como foi o caso de Eduard Jenner, inventor da vacina, Louis Pasteur e, aqui, no Brasil, de Oswaldo Cruz, que enfrentou a "Revolta da Vacina", no Rio de Janeiro, em 1904, diante de sua campanha de vacinação obrigatória e eliminação dos ratos. Será que o tempo acaba fazendo justiça, aos visionários?

CONFERÊNCIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA

Será realizada durante o Congresso Brasileiro de Reumatologia do Rio de Janeiro a VI Conferência da Academia Brasileira de Reumatologia, a segunda da atual gestão. Será coordenada pelos professores: Adil M. Samara e Roberto A. Carneiro. O Acadêmico prof, Hilton Seda será o Presidente de Honra do Congresso da S.B.R., que será presidido pelo Prof. Geraldo da Rocha Castelar Pinheiro. Será no dia 9 de Outubro, das 13:30 às 15:30h, na sala Água Marinha, do Hotel Intercontinental. A conferência da ABR, terá a seguinte ordem do dia:

■ O CÉREBRO E A MENTE

Palestra do Prof Pedro Sampaio (Professor de Neurocirurgia do Rio de Janeiro)

■ MEU PAI. O MÉDICO E O MAGO DA FOTOGRAFIA

Prof Aloysio Fellet (Prof de Reumatologia em Juiz de fora MG)

■ AGENDA DA ABR

Prof. Adil Muhib Samara (SP)
Prof. Lipe Goldenstein (BA)

PIONEIRO

A Poeira Hilton Seda

A poeira impulsionada pelo vento formava espirais imaginárias que se movimentavam vacilantes à procura do seu destino. Enfim penetra em uma roseira. Ao sair continuava poeira. mas, com perfume de flor.



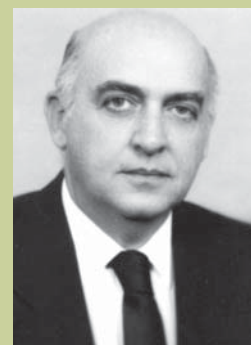
Prof Hilton Seda formou-se em 1950 e já entrou para a Sociedade Brasileira de Reumatologia, aonde foi presidente de 1968 a 1970. Atuou desde o início na Policlínica Geral do Rio de Janeiro com Pedro Nava, a quem sucedeu, em 1975.

Atuou em vários cargos de entidades no Brasil e Portugal. É o patrono do Próximo Congresso Brasileiro de Reumatologia, em Outubro, e Membro Titular da Academia na Cadeira 22.



O Médico: o semi-deus de outrora

Prof. Dr. Adil Muhib Samara - Presidente



Boletim Acadêmico
Orgão Oficial da Academia
Brasileira de Reumatologia

DIRETORIA BIÊNIO 2002-2004

PRESIDENTE

Adil Muhib Samara

1º VICE - PRESIDENTE

José Luciano Fracasso

2º VICE - PRESIDENTE

Antonio Carlos Ximenes

3º VICE - PRESIDENTE

Walber Pinto Vieira

4º VICE - PRESIDENTE

Elizia Fernandes Lima

SECRETÁRIO GERAL

Henrique Josef

1º SECRETÁRIO

João Francisco Marques Neto

TESOUREIRO

José Roberto Provenza

DIRETOR CIENTÍFICO/EVENTOS

Aloysio João Fellet

CONSELHO DELIBERATIVO

MEMBROS DA DIRETORIA
EX - PRESIDENTES

Caio Vilela Nunes

Roberto Carneiro

Aloysio Fellet

Rubem Lederman

Geraldo W. S. Gonçalves

Ueliton Vianna

Lipe Goldenstein

MEMBROS CONSELHEIROS

Geraldo Gonçalves

Geraldo G. Freitas

Aquilles de Almeida Cruz Filho

Hilton Seda

Caio Moreira

BOLETIM ACADÊMICO

CONSELHO EDITORIAL

José Knoplich

Roberto Carneiro

Ueliton Vianna

SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

SEDE PROVISÓRIA

Rua Emilio Ribas, 765 – Cj.51

Cambuí – CEP 13025-141

Campinas – SP

Tels: (19) 3251 9731 – 3255 6731

Fax: 3294 7142



BOLETIM
DA ACADEMIA
BRASILEIRA
DE REUMATOLOGIA

Editado Pela Medgraf
(11) 3662-2444

A medicina foi, até a primeira metade do século passado, um excelente negócio, pois, médicos eram uma casta de privilegiados, sob todos os aspectos; sociais, econômicos, principalmente morais, etc.

Havia, em minha escola, um professor de anatomia que, sem nenhum constrangimento, nos dizia: “se o diploma não servisse para exercer com dignidade a profissão, servia ao menos, para um bom casamento. Pois, hoje não consigo ver um único órgão de divulgação escrito, falado ou televisivo que não fale, regularmente, sobre procedimentos médicos, não éticos.

De fato, como outrora, não podemos mais ser, uma espécie de semi-deus, tanto assim, que os doentes diziam com freqüência: abaixo de Deus o senhor doutor.

A classe médica se encontra num estado de penúria, em nossos dias; algo jamais visto, e, sem entrar fundo no mérito da questão, atrevo-me apenas, rapidamente, a tecer considerações, levando em conta apenas três dos muitos aspectos: 1) a educação médica; 2) o número de faculdades de medicina e 3) a remuneração médica. Percebe-se, desde logo, que estas três situações estão intimamente relacionadas.

Em quase quatro décadas de magistério tenho assistido a toda sorte de mudanças do currículo médico, e, ao que tudo indica, estamos longe ainda de um ensino ideal de acordo com a demanda externa. Em outras palavras, o médico que estamos formando não é exatamente o perfil do profissional que buscam lá fora. É quando ouço meus ex-residentes, que percebo ter ensinado o que eles menos vêem na prática clínica. Os hospitais universitários, que contêm Serviços de referência, na sua maioria, atendem casos raros e exóticos e entregam a prática clínica do dia a dia à mercê dos postos de saúde da periferia. É tão consistente esta constatação, que a UNICAMP resolveu migrar seus docentes para ensino dos alunos de graduação naqueles postos.

Nos anos sessenta, eram vinte e quatro ao todo, as escolas médicas deste país, e delas, partiam para o mercado de trabalho cerca de dois mil médicos/ano. Hoje, aproximadamente uma centena de escolas, boa parte delas com um contingente docente não suficientemente preparado, coloca no mercado de trabalho mais de dez mil médicos/ano mal preparados, os quais, concorrem, em pé de igualdade, com aqueles das suas congêneres, melhor gabaritadas.

Tenho visto inúmeras campanhas sobre a fundação de novas escolas médicas, em vão. O Brasil conta hoje com 310.272 médicos em atividade. Em São Paulo, ele andava pelo número 116.000. Esta cifra corresponde justamente ao dobro de médicos por população, segundo dados da Organiza-

ção Mundial de Saúde.

Como em qualquer outra área de atividade humana, prevalece a lei da oferta e da procura. No Estado de São Paulo, se ganha menos, porque a oferta é maior, e, em outros estados se paga menos, porque, não obstante a maior procura, eles não dispõem dos mesmos recursos econômicos e financeiros do estado mais rico da nação.

Médicos investem mais de um terço de suas vidas até alcançar o seu certificado de habilitação. Alguns até mais tempo, como aqueles que se dispõem a fazer um curso de pós-graduação, aqui ou no exterior.

Uma consulta, por convênio, varia entre quinze e trinta reais, um valor, por vezes, infinitamente inferior ao de um corte de cabelo. Sem nenhum desdouro para esta classe de profissionais também necessária à nossa sociedade, creio, não terem eles, necessidade daqueles investimentos referidos anteriormente.

Nada existe de mais corruptível do que a remuneração injusta. Assim, a preços escorchantes, o médico massifica o atendimento com qualidade prejudicada desde que, ao cabo de trinta dias o número desses atendimentos preencha o que ele tem a receber, em espécie, dos referidos convênios.

Em cirurgia o problema é ainda mais grave, porque esta situação pressupõe intervenções cirúrgicas inadequadas. Outras vezes por tratar-se de grandes cirurgias ou mesmo naquelas de alta complexidade com remunerações aviltantes, os cirurgiões se negam a executá-las. Nesta contenda, portanto, perdem ambos, o médico e o doente.

Seria demasiado fatigante tecer aqui comentários sobre as diversas formas de driblar estas instituições conveniadas com condutas não éticas à procura de lucros indevidos.

Os órgãos responsáveis têm absoluta consciência destes problemas e, possivelmente, sabem como reconhecê-los, em todos os seus níveis, e as soluções mais prementes. Enquanto isso, ficamos nós aqui com estes modestos alertas, como de outras vezes temos feito, esperando por mudanças mais contundentes.

Há poucos dias soube de um moço garboso que moças que o cercavam, tão logo souberam que ele era médico deixaram de corteja-lo. É minha gente os tempos são outros!!! É a hora e a vez é dos advogados, analistas de sistemas, executivos de alta patente, etc. Médicos de todo o Brasil, colegas meus. Que lástima!!!

O advogado, novo Ministro da Educação

O advogado gaúcho de 56 anos, Tarso Genro, é o ministro da Educação. Foi em 2003, ministro da Secretaria Especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, e é um de seus pensadores mais ilustres. Recentemente não tomou parte na discussão da expulsão do PT, de sua filha, Luciana, deputada Federal, marxista como ele. O atual ministro substituiu um ex-Reitor, da Universidade de Brasília e, segundo o seu site, na Internet, não tem nenhuma experiência na área educacional. Concedeu uma pequena entrevista por e-mail para José Knoplich, editor do Boletim.

Sr ministro, como financiar a necessária expansão da educação superior pública?

“Há um pensamento elitista, classificado de esquerda, que vê a universidade pública como um núcleo intocável. Esse tipo de pensamento casa com a visão elitista de outro grupo elitista de direita que defende a idéia de que a Universidade pública também deveria ser paga por uma parcela de alunos”.

Como assim? Pode exemplificar?

Dois teorias: a primeira argumenta que se há falta de verbas para boas escolas públicas, está na hora de os estudantes de renda alta pagarem seus estudos para ajudar a gerar bolsas de estudo para os menos privilegiados. A segunda afirma que os incentivos concedidos, anualmente, pelo Governo Federal, às instituições privadas, filantrópicas, de ensino superior, seriam suficientes para dobrar o número de alunos nas universidades federais, pois, o Governo deixa de arrecadar R\$ 839,7 mil de universidades privadas, por ano. Apesar de parecerem ideologicamente opostas, as duas propostas têm muito em comum. Para seus defensores, a expansão da educação superior pública deve se dar às expensas dos alunos. No primeiro caso, trata-se de cobrar mensalidades, nas universidades públicas, dos alunos que possam pagar. No segundo, trata-se de cobrar mensalidades, ainda mais altas, dos alunos das universidades privadas filantrópicas, para custear a expansão da rede pública.

Não haveria como cobrar tributos das instituições filantrópicas sem que elas repassassem aos preços das mensalidades decorrente do fim da imunidade. Essas são duas propostas neoliberais.

O que é o Programa Universidade para Todos?

É o que pretende oferecer bolsas de estudo a alunos carentes. Seria a reserva de 50% das vagas, em instituições federais de ensino superior, para alunos da rede pública. Essa reserva, evidentemente, protege as camadas mais pobres, os negros, os índios. Essas vagas estão nas cotas, segundo o percentual dessa população, em cada Estado.

Quem é contra?

O projeto foi recebido com ressalvas por reitores, que não são favoráveis à idéia do Governo determinar o número de vagas das cotas, interferindo na autonomia universitária.

Como fica a situação? O que o Governo quer fazer?

A Constituição, diz que o ensino será ministrado com base no princípio da “gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais” e que “são isentas de contribuição para a seguridade social as enti-

dades beneficentes de assistência social que atendam às exigências estabelecidas em lei”. Não se pode, contudo, negar àquelas duas teorias, explicitadas no início, alguma legitimidade. A legitimidade da primeira repousa no fato de que o aluno de baixa renda não tem acesso ao ensino superior público. A resposta do Governo é criar em cada universidade pública federal uma cota social para alunos egressos da escola pública, a ser preenchida por “brancos” e “negros e indígenas” na proporção da participação de cada grupo na população aonde se localiza a instituição. Essa solução não fere a igualdade formal dos cidadãos postulantes a uma vaga, além de eliminar a polêmica em torno da autodeclaração.

Para dar legitimidade à segunda teoria deve-se impedir que instituições educacionais, considerem-se como de assistência social, e contabilizem atividades de extensão exercidas por alunos no processo de sua formação e aprendizagem (inerentes ao próprio conceito de educação superior), como atividades que merecem a imunidade tributária. Na área médica um apoio da Faculdade particular, para que uma ONG realize um trabalho com carentes é obrigação e não merece isenção tributária. Contudo, a solução não é acabar com a filantropia, mas, qualificá-la. Esse é o objetivo de transformar os 20% de gratuidade a que as filantrópicas estão obrigadas, exclusivamente, em bolsas de estudo integral. Como conceber uma entidade filantrópica de educação superior cuja finalidade precípua não seja incluir o jovem carente na universidade?



O Pensador - Rodin

Existe alguma outra contrapartida?

De forma complementar, o Programa Universidade para Todos pretende dar ao ensino superior tratamento tributário idêntico ao dado aos gêneros de primeira necessidade. Assim, como a desoneração tributária do pão não favorece o padeiro, mas, quem tem fome desse bem essencial, o ensino deveria receber tratamento similar. Contudo, esse movimento não deve ser feito sem exigências. O ensino superior, ao contrário do pão, é tão caro que sua desoneração não garante acesso ao cidadão de baixa renda. Por isso, a desoneração deve vir acompanhada de um programa de bolsas de estudo, a ser custeado pelas instituições privadas, destinado a quem nada pode pagar, aliado a um compromisso com a qualidade do ensino ministrado.

Existem recursos específicos do Tesouro Nacional?

A posição do MEC e do atual ministro é a criação de um fundo específico para custear a expansão, com qualidade, da educação pública, mediante a subvinculação de receitas, destinado às universidades federais que, nesse processo, conquistariam, finalmente, sua autonomia. O fundo público - e não o bolso do aluno, como alguns parecem desejar, deveria financiar esse empreendimento. A Lei Orgânica da Educação Superior, a ser formulada em conjunto com a comunidade acadêmica e a sociedade civil, poderá consagrar essa orientação.

Reunião da ABR em Fortaleza

Realizou-se em Março/2002, em Fortaleza, uma reunião da Academia Brasileira de Reumatologia em homenagem ao Prof. Dr. Geraldo Gonçalves um dos fundadores da Academia Brasileira de Reumatologia e ex-Presidente. Dr. Eduardo Gonçalves, presidente da Sociedade Cearense de Reumatologia, que comemorava 50 anos de existência, realizou o Encontro de Academias de Medicina, e fez uma homenagem emocionante ao seu pai, na presença de 26 professores de Reumatologia e Acadêmicos. “Eu juro que não sabia que o meu pai era tão rico. Digam-me, quem, sendo tão amado, pode ser pobre?” Na ocasião o homenageado lançou um novo livro que tem o título: “De Kolynos a Sorriso, Caminhos, Idéias e Pegadas”, que trata-se de reminiscências tristes de um passado alegre, segundo o seu autor. Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.



SAUDAÇÃO AO MESTRE

O Professor Geraldo Gomes, de Recife, fez uma saudação a Geraldo Gonçalves, no ato solene, da Assembleia da Academia, em Fortaleza, que, em resumo, dizia:

O Príncipe da Medicina Clínica Brasileira, Professor Miguel Couto, referindo-se aos Mestres que lhes precederam na Cátedra da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – Francisco de Castro e Torres Homem, onde Geraldo Gonçalves estudou e se diplomou em Medicina, assim se expressou:

“O talento e a perseverança, unidos ao mesmo indivíduo poderão gerar o investigador, o filósofo, o sabedor e até o gênio, se este não é senão uma longa paciência; mas, grande professor só será aquele que for ao mesmo tempo um grande artista, capaz de se arrebatar de paixão

pelo seu ofício, e de a comunicar, com a mesma intensidade, aos seus discípulos.... se souber achar no fundo árido, doloroso, pouco repulsivo dos fatos mórbidos, a emoção estética, e for-lhe a palavra tão vibrátil quanto a alma, para traduzir essa emoção”.

O Prof. Geraldo Gonçalves, escreveu, entre outros livros, “REUMATOLOGIA BRASILEIRA: Precursores e Pioneiros”, obra de Arte, de Ciência, História e de Cultura Médica. A Sociedade Brasileira de Reumatologia, as Ligas Panamericanas e Européia da Especialidade, lhe referenciam pela grande missão de ensinar, divulgar a especialidade, meu ilustre Mestre hodierno.

O abuso do direito na Internet

Guilherme Fernandes Neto

A teoria do abuso do direito foi adotada pelo legislador do Código de Defesa do Consumidor (CDC), criando um subsistema jurídico que inclui as cláusulas, práticas e temas relacionados às publicidades abusivas. Esse tópico novo da Ciência do Direito tem sido aceito pelo Superior Tribunal de Justiça, como princípio básico das relações jurídicas. O estudo da teoria do abuso do direito tem uma evidente função prática no caso relacionado à publicidade por via de e-mail, pela Internet, o que se considera como uma afronta à privacidade.

O baixo custo da publicidade, via Internet, tem levado os empresários à prática, contestável, de remessa indiscriminada de mensagens para diversos consumidores, sem solicitação, o que se tem denominado, vulgarmente, de “spam”.

O alvo dos remetentes de spam não são exclusivamente os endereços eletrônicos cadastrados, mas, inclusive, os grupos de discussão, também denominadas de listas de discussão ou grupo de news. Nestes



grupos, cujo desiderato é estimular a discussão sobre os mais diversos temas (administração, ciências, cultura, etc.), é freqüente a visualização de inserções de publicidades, as quais podem ser controladas pelo próprio provedor.

O cerne da questão, todavia, é que a continuidade indiscriminada desta prática levará, especialmente àqueles que possuem seu e-mail há mais tempo, ou que mais o divulgam, de ter que se dedicar, diariamente, à exclusão de mensagens não solicitadas, gastando desnecessariamente tempo. Assim, lastreados no direito da livre iniciativa e da liberdade de manifestação do pensamento, extrapolam os limites concebidos pelo legislador, afrontando os princípios da função social e econômica das relações de consumo, abusando de seu direito.

A remessa não solicitada de mensagens para a caixa de entrada do consumidor pode ser considerada prática abusiva cabendo uma ação inibitória e indenizatória.

FERNANDES NETO, Guilherme. *O abuso do direito no Código de Defesa do Consumidor: cláusulas, práticas e publicidades abusivas*, Ed. Brasília Jurídica, Brasília, 1999. http://www.idcesa.com.br/_Instituto de Direito do Consumidor e Estudos Sociais Avançados. Professor da PUC S. Paulo

Quantos dias D (decisivos) mais?

No dia 6 de junho de 2004, comemorou-se o 60º Aniversário do Dia D, ou seja, do desembarque das tropas aliadas na Normandia, que juntamente com a vitória russa contra os alemães, em Stalingrado, marcou o início do fim da Segunda Guerra Mundial.

Cerimônias solenes, muitas das quais envolvendo sobreviventes que participaram do desembarque, foram realizadas em diversos países. Uma, em particular, reuniu cerca de 20 chefes de Estado e de governo, no cemitério norte-americano, em Colleville sur Mer, perto da praia de Omaha, onde tropas dos EUA desembarcaram e sofreram milhares de baixas, no ano de 1944.

Um total de mais de 60 milhões de seres humanos, de todos os países, incluindo a China e países do Eixo, os 6 milhões de judeus do Holocausto e os soviéticos que sofreram uma grande dizimação, morreram na Segunda Guerra Mundial. Só a União Soviética perdeu 14 milhões de soldados, marinheiros e aviadores, e mais de 7 milhões de civis. A Grã-Bretanha perdeu 4 milhões de soldados e 620.000 civis; a China 1 milhão de soldados e de civis.

É o momento de lembrar os pelo menos 20.000.000 soldados aliados que caíram, na luta de vida e morte, contra o fascismo, nazismo e os colaboradores do Eixo, para derrotar um estilo de vida que não correspondia à vontade da maior parte da Humanidade. Foi, pois, uma “guerra de civilizações”, a qual se acreditava estivesse encerrada...

...Atualmente, a cada 13 minutos, ocorre, no Brasil, uma morte por

“acidente” de trânsito e, a cada sete minutos, um atropelamento. Registram-se 46 mil mortes anuais e 300 mil pessoas ficam feridas, 60% das quais com lesões permanentes. Dos mortos, 44% são vítimas de atropelamento e 41% estão na faixa etária entre 15 e 34 anos. Cerca de 60% dos leitos de traumatologia dos hospitais brasileiros são ocupados por “acidentados” no trânsito. Na Cidade de São Paulo ocorre um “acidente” a cada 3,2 minutos. Mais de 700 mil pessoas morreram em “acidentes” de trânsito de 1960 a 2000. De cada 10 leitos hospitalares, cinco são ocupados por “acidentados” no trânsito.

“Acidentes” de carro e atropelamentos matam mais crianças de 1 a 14 anos do que as doenças. Os “acidentes” de trânsito, no Brasil, são o segundo problema de saúde pública, ficando atrás, apenas, da desnutrição, e são a terceira causa de morte do país. (Ned Ludd no livro “Apocalipse motorizado” Editora Conrad).

O Brasil é o quinto, em um ranking de 67 países, com as maiores taxas de homicídios de jovens na faixa dos 15 aos 24 anos. De cada 100 mil jovens brasileiros, 52,1 foram assassinados em 2000. Somente Colômbia, Ilhas Virgens, El Salvador e Venezuela tiveram taxas superiores. De 2000 a 2002, a situação no país piorou: a taxa passou para 54,5 assassinatos por 100 mil jovens. Analisando a evolução entre 1993 e 2002, detecta-se um aumento de 88,6% nas mortes de jovens, que são provocadas por armas de fogo, em um terço dos casos. A maioria das vítimas são os homens negros e morrem aos finais de semana.

Quando será o dia D dessa nova carnificina?

EQUIPE DE SAÚDE

Humilhando o residente

B rincadeiras frequentes e constrangedoras, humilhações e até mesmo agressões na escola e, mesmo na Faculdade, têm chamado a atenção dos pedagogos e psicólogos do comportamento estudantil. O nome desse comportamento, em inglês, é bullying (característico do brigão, do arrua-ceiro, do indivíduo que estimula o grupo ou outros estudantes a fazer o assédio moral e físico, a um aluno ou a um grupo. A palavra significa amedrontar, intimidar alguém).

O jovem ridicularizado pode ter um defeito físico ou pode ser um menino bonito ou menina estudiosa. Alguém que decide que é gay, que é negro, que usa o véu muçulmano ou a quipá judaica. O fenômeno ainda é pouco investigado no Brasil. O tema começou com adolescentes, mas, agora está sendo estudado no trabalho, na família e até nas equipes de saúde, dentro de internatos e residências médicas.

O pediatra carioca Aramis Lopes Neto e a psicóloga Lucia Helena Saavedra, da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) lançaram o livro “Diga não ao bullying - reeducação do comportamento agressivo entre estudantes”.

Os autores trabalharam com um universo de 5.800 alunos, de 5ª a 8ª série, na faixa etária de 10 a 18 anos, com predominância dos 12 aos 16, durante seis meses, de 11 escolas no município do Rio – nove municipais e duas particulares.

Em primeiro lugar, depois de explicado o tema foi feito um questionário sobre esse fenômeno. Depois foi feita uma conscientização de alunos, professores e coordenadores, para tentar reduzir a incidência.

Segundo esse levantamento, 40% dos estudantes admitiram envolvimento em atos de bullying, como autores ou alvos, ou ainda em papel duplo – às vezes enquadrados em um caso, às vezes noutro. Destes, 28% admitiam ser alvos. Um dado interessante é que 60% dos alunos afirmaram que o bullying ocorre com maior frequência dentro da sala de aula, o que contraria os estudos internacionais. A percepção era de que as agressões aconteciam, principalmente, na hora do recreio, momento de maior informalidade e descontração. Mas, 80% dos alunos admitiram que o bullying motiva um sentimento negativo e reconheceram que isso provoca uma repercussão ruim



Arlequim, litografia de Picasso

no ambiente escolar, gerando dúvidas, insegurança e o medo de serem as próximas vítimas. Autores holandeses informaram que as vítimas apresentam sinais de depressão e sintomas psicossomáticos quando comparados com as crianças que não sofrem essas agressões. As vítimas desse tipo de violência têm maiores chances de apresentar depressão e sintomas psicossomáticos. Segundo a literatura mundial apresentam dor de cabeça (3 vezes mais), distúrbios do sono (2.4 vezes mais), dor abdominal (3.2 vezes mais), urina na cama (2.9 vezes mais), queixas de fraqueza (3.4 vezes mais) e depressão (7.7 vezes mais).

J Pediatr. 2004 Jan;144(1):17-22

Para entender Picasso

O pintor catalão Pablo Ruiz Picasso (1881-1973) foi autor de 36.000 trabalhos e amante de incontáveis mulheres. O Museu Picasso, no bairro parisiense do Marais, formou seu acervo com as mais de 3.000 obras que o governo francês recebeu da família do artista. O valor de alguns de seus óleos é muito alto, pois, em leilões chegam a ultrapassar 50 milhões de dólares, cerca de 140 milhões de reais. A retrospectiva, realizada em São Paulo, no Ibirapuera, que ocupa a Oca, está orçada em 6 milhões de reais – metade corresponde a seguro e transporte. O conjunto exposto

está avaliado em 600 milhões de reais. Em três meses, 1 milhão de pessoas viram os 126 trabalhos emprestados pelo Museu Picasso de Paris, organizados para os festejos do aniversário da cidade.

Os visitantes não verão, porém, os quadros mais conhecidos de Picasso, como *Guernica* ou *Les Femmes d'Alger*, que não saem mais dos museus onde estão. Mesmo assim, "*Picasso na Oca*" é uma ótima oportunidade para conhecer todas as suas fases, desde a juventude, na Espanha, até os últimos anos de vida, no sul da França. O auge do cubismo está bem representado, em óleos

como *Três Figuras sob uma Árvore*, de 1907, *Busto de Mulher*, de 1907, um estudo para *Les Femmes d'Alger* e *Homem com o Bandolim*, de 1911, exemplar do cubismo analítico, quando Picasso pintava um objeto de muitos ângulos e não assinava. Também podem ser observadas incursões por estilos diferentes. Num momento, usa a técnica pontilhista de Seurat; em outro, pinta com cores e texturas à la Matisse. Mais adiante, uma série lembra o traço de Tarsila do Amaral. Os suportes são múltiplos: óleo sobre tela, sobre madeira, colagem, cerâmica, escultura, gravura...



auto-retrato



Les Femmes d'Alger



Guernica

FILOSOFIA E CIÊNCIA

Eu sujeito no mundo científico

Thomas Nagel

Thomas Nagel é um dos maiores filósofos contemporâneos que estuda a mente. Defende o dualismo mente-cérebro, como entidades separadas, no livro "Visão a partir de Lugar Nenhum", publicado em 1986 e, agora traduzido pela Ed. Martins Fontes, para o público brasileiro. Nagel, 66 anos, afirma que a experiência subjetiva, individual e íntima seria irreconciliável com o discurso da ciência, sempre público e em terceira pessoa. A experiência subjetiva é incompatível com a visão científica do mundo, que tem uma perspectiva definida; a visão do sujeito tem a peculiaridade de não estar em nenhum lugar definido, porque nos acompanha e pode estar em todos os lugares. A visão subjetiva é como um olho desencarnado que olha para o mundo, uma visão a partir de lugar nenhum e que, paradoxalmente, poderíamos dizer que está "em toda parte e nenhuma". Discute a idéia do conflito entre o ponto de vista interno do sujeito e o ponto de vista da objetividade, ou seja, a tenta-

tiva de se ver de fora, a partir de um ponto de vista neutro, impessoal.

Diz **João de Fernandes Teixeira** que é professor no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos e autor de, entre outros livros, "Filosofia e Ciência Cognitiva" (Editora Vozes).

Ao mesmo tempo em que respeita enormemente as conquistas do pensamento científico, ele mostra os seus limites, o que nós podemos esperar da ciência. E ele acaba mostrando que as questões que mais nos importam a ciência jamais nos responderá, que são as perguntas acerca do sentido, do bem, do que importa. Mas, não se coloca naquela posição frankfurtiana de olhar para os cientistas como se fossem bebês incapazes de dar um passo sem tropeçar. Sim, ele critica o cientificismo, isto é, transformar a ciência em fé e dogma, a idéia de que a ciência vai dar respostas para as perguntas da filosofia. Eu resumiria a posição de Nagel dizendo que não há nada mais irracional do que ignorar os limites da racionalidade. Há uma interioridade no mental que é diferente da interioridade do cérebro dentro da caixa craniana. E a ciência é constitutivamente incapaz de lidar com essa interioridade do sujeito. Esse é o irredutível da experiência humana. E ele é o que mais importa; é nesse plano que nossa vida transcorre. **Eduardo Giannetti da Fonseca, filósofo e economista**